

MAPEANDO AS FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS DO FUNK CARIOCA DAS DÉCADAS DE 1990 E 2000: SIMBOLISMO DO LUGAR E A IDENTIDADE NAS MÚSICAS

Mapping spatial symbolic shapes of funk carioca of the decade 1990s and 2000s: symbolism of place and identity of music

Rodrigo Batista Lobato¹

Jean Lucas Da Silva Brum²

Paulo Márcio Leal de Menezes³

RESUMO

Este artigo faz parte da tese de doutorado e mergulha nas letras do Funk Carioca das décadas de 1990 e 2000, no qual, em um primeiro momento analisou-se 642 letras de 22 MCs com referências toponímicas, das quais foram encontradas 127 letras com topônimos, isto é, nomes geográficos, de maneira que chamamos também de formas simbólicas espaciais (FSE), por entender que tais lugares estão impregnados de simbolismo e identidade. Deste total, escolheu-se uma letra como exemplo para espacializar os nomes geográficos, sendo a composição "Endereço dos Bailes". Pode-se constatar que mapear as FSE contidas nas letras do Funk Carioca, o que a princípio tinha-se a impressão que era simples, percebeu-se uma tarefa mais complexa. A complexidade deste tipo de mapeamento está diretamente relacionada a uma toponímia não oficial, sendo aquela que é popularmente difundida ou ainda pelos nomes que surgiram recentemente e não foram incluídos pelos reambuladores dos órgãos oficiais.

Palavras-chave: Formas Simbólicas Espaciais. Toponímia. Funk.

ABSTRACT

This article is part of the author's doctoral thesis and it immerses in Carioca's funk music from the early 1990's and 2000's. 642 lyrics from 22 MCs were analyzed for their toponymic references. 127 of the total were found with toponymy, that is to say, with geographical references. This way, we also call that special symbolic shapes, understanding such places are impregnated with symbolism and identity. Of the total, one lyric was selected as an example to specialize the geographical references; this is the "Endereço dos Bailes". Mapping the spatial symbolic shapes in the lyrics of Carioca's funk music was perceived as a complex task. No matter it may be considered a simple task at first. The complexity of mapping is directly related to an unofficial toponymy, being one that is popularly widespread or having those names introduced recently and that are not included in the reambulators of the official bodies.

Keywords: Spatial Symbolic Shapes. Toponymy. Funk.

1 Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor no Departamento de Geografia da Universidade Veiga de Almeida. rodrigolobato.geo@gmail.com.

✉ Avenida Athos da Silveira Ramos, 149, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ. 21941-909.

2 Doutorando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, jeanbrum@id.uff.br.

✉ Rua São Francisco Xavier, 524, sala 1006, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ. 20550-900.

3 Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pmenezes@acd.ufrj.br.

✉ Avenida Athos da Silveira Ramos, 149, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ. 21941-909.



INTRODUÇÃO

Representar graficamente as referências do espaço geográfico, chamadas neste trabalho de formas simbólicas espaciais (FSE), não é algo recente, tal como argumentado por Menezes e Fernandes (2013), destacando que o próprio histórico da Cartografia demonstra isso. Sendo assim, esta prática é tão extensa como a própria história da humanidade, na qual as primeiras representações espaciais deixadas pelos povos da pré-história eram representadas em rochas e traduziram um pouco das práticas culturais e da organização deste povo.

No entanto, apenas recentemente a Geografia passou a se preocupar com o estudo sistemático destas formas simbolicamente inseridas, produzidas, recortadas na superfície terrestre. Neste contexto, é especialmente a partir da década de 1980, com a renovação do campo cultural em Geografia, que esta temática passa a ganhar maior destaque, como salientado em Cosgrove (1998), Duncan (2003) e Rosendahl e Corrêa (2013).

As práticas de representação, não se representam, neste sentido, no espaço geográfico e sim, o espaço geográfico e as temáticas inseridas no espaço geográfico, e assim, pode-se observar o destaque de Jackson (1989), pois remetem a própria noção de cultura, se tornando elementos na construção de mapas de significados compartilhados e comunicados entre grupos sociais, ou, como Geertz (2004) aponta, inscrições espaciais de significados.

Para Hall (1997), as formas simbólicas (FS) são representações da realidade e traduzem os significados que são criados pelos mais diversos níveis de produtores de informação. Como exemplo de formas simbólicas, pode-se citar monumentos diversos, como templos, estátuas, obeliscos, memoriais (CORRÊA, 2013b), ou mesmo, como

Rosendahl e Corrêa (2013) apresentam, através das palavras, dos gestos e dos adornos.

Cabe ainda, fazer menção do que se entende neste trabalho como conceito de formas simbólicas espaciais (FSE), definido por Rosendahl e Corrêa (2013, p. 12), no qual os símbolos, expressos em formas, constituem traços fundamentais das práticas e experiências propriamente humanas. Deste modo, as formas simbólicas tornam-se FSE quando diretamente relacionadas ao espaço, podendo se constituir como fixos e/ou fluxos, isto é, localização e itinerários.

Hall (1997), considera que as formas simbólicas são o resultado ou produto de práticas culturais, ou seja, das ações humanas de atribuição e comunicação de significados. Posto isso, essas FS se revelam no espaço geográfico por meio de sistemas simbólicos, criando formas simbólicas que também podem ser espaciais.

Tais FS, se transformam em FSE quando possuem um ponto referência no espaço, no qual, podem ser tanto materiais como uma rua, um teatro, um museu, uma montanha, uma estátua, um templo por exemplo, assim como, podem ser imateriais expressos através das práticas cotidianas, como exemplo, as diversas formas de uso de uma praça no centro de uma cidade, um bloco carnavalesco que percorre ruas, um grupo de pessoas em uma romaria ou um encontro para protestos.

Ao referir-se a tal assunto, isto é, como que as FSE podem diferenciar as FS, Cosgrove (1998), descreve como os parques na Inglaterra serviram para moldar uma cultura da classe trabalhadora, ou seja, ditando o modo de agir nesses espaços, criando um significado do comportamento em um ponto de referência espacial. Outro exemplo deste mesmo autor, é a diferença de como jovens usam seus adornos (FS) quando vão para um *shopping center* ou para uma praça pública (FSE).

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

As FSEs podem ser múltiplas, produzidas em diferentes contextos e escalas, expressando a intencionalidade de quem as produziu ou tendo o seu significado reatribuído pelos mais diversos grupos sociais.

Este trabalho tem como objetivo a discussão da toponímia como forma simbólica espacial, ou seja, resultado de uma ação humana no intuito de atribuir significado a dada porção do espaço geográfico. Para tanto, recorre-se a construção de um mapeamento toponímico, entendido como FSEs, nas letras de músicas, mais especificamente, nas letras do funk carioca entre as décadas de 1990 e 2000. Compreende-se aqui que os topônimos são o resultado de práticas de significação e que, portanto, podem ser expressas em produtos culturais, como é o caso da música.

TOPONÍMIA, IDENTIDADE E A CIDADE

Neste trabalho a toponímia é vista como o primeiro nível de apropriação simbólica de um dado espaço geográfico, ou seja, quando um lugar recebe um nome e ganha um significado. Em outros termos, para significar algo, primeiro é necessário diferenciá-lo lhe atribuindo um nome. O nome dos lugares, está inserido dentro dos estudos onomásticos que correspondem à área da Lexicologia direcionada para o estudo do nome próprio, que se subdivide em duas vertentes de pesquisa, sendo: uma que é voltada para o nome próprio das pessoas (Antroponímia); e o nome próprio dos lugares (Toponímia), salientado por Dick (1990) e Souza e Menezes (2011). Como complemento, Santos (2008), ao referir-se a tal temática, traz a nomenclatura de toponomástica, por considerar a toponímia descendente a Onomástica.

No que tange ainda tal conceito, Menezes e Fernandes (2013), revelam que mais recentemente, alguns autores como, Santos (2007), apoiado no trabalho de Houaiss (1999), emprega o termo geonímia

para designar nomes próprios de lugares e acidentes geográficos, tradicionalmente dita toponímia e topônimos com a atribuição de um posicionamento geográfico. Assim, para Menezes e Santos (2006), o termo geonímia fica então conceituado como, os nomes geográficos identificadores de quaisquer feições geográficas naturais ou antrópicas, recorrentes sobre a superfície terrestre e passíveis de serem georreferenciadas.

Levando em consideração o registro de nascimento, este que é realizado em um cartório e nele constam as informações com data e hora quando se nasce, além dos nomes e sobrenomes do pai e mãe, e mais recentemente por meio da alteração através da Lei 13.484/2017, permite que seja indicado como naturalidade do bebê o município de residência da mãe, em vez da cidade onde ocorreu o parto, e pode-se dizer que essas características constituem o histórico familiar, constituindo uma identidade pessoal que será construída ao longo de sua vida que estará atrelado ao seu nome.

Com os espaços geográficos, esta lógica não se difere, pois, o simples ato de nomeação torna o espaço simbolicamente transformado em lugar, ou seja, um espaço com história, permeado de simbolismo e identidade, isto é, dando-lhe uma identidade. Como exemplo, pode-se citar a lagoa da Coca-Cola no município de Rio das Ostras no estado do Rio de Janeiro. Este corpo d'água não é da propriedade da *Coca-Cola Company* e sua água não é utilizada para produzir o refrigerante. Porém, tanto o nome quanto o seu simbolismo provêm da cor escura da água, semelhante à bebida que recebe este nome.

De tal modo, Santos (2007) elucida que a cartografia, através da construção dos mapas, torna-se um modelo de representação de todas as ocorrências marcantes na superfície terrestre, e assume o papel de tornar-se o registro e a certidão de nascimento das feições geográficas, que marcam a passagem do homem sobre a superfície terrestre.

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

De acordo com Seemann (2005), assim como os nomes próprios de pessoas, o batismo dos lugares depende muito dos critérios do observador que decide o que tem destaque ou não na paisagem e o que merece menção. Tuan (1980), ao conceituar a noção de topofilia, aborda justamente a variação dos diversos condicionantes inseridos na sociedade influenciando cada indivíduo em sua experiência sobre o ambiente que ocupa, assim, construindo a suas relações espaciais (não euclidianas), além de definir seus diferentes valores, fazendo com que o espaço se torne lugar.

Para Tuan (1983), o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definições e significado. No entanto, é possível descrever o lugar sem introduzir explicitamente conceitos espaciais, mas a partir da experiência vivida. Assim, o lugar vivido e percebido é a dimensão espacial do cotidiano (SANTOS, 1996). O lugar, portanto, é a escala da totalidade do cotidiano.

Apesar de tudo, essa percepção é subjetiva, pois cada indivíduo pode ter a visão de mundo bem diferente, mesmo que estejam compartilhando as mesmas experiências no mesmo lugar. Por outro lado, para uma pessoa o lugar pode ter um sentido de identidade, para o outra, pode ser um não lugar, ou seja, um lugar sem apego afetivo, sem nenhuma identificação e por sua vez sem identidade, como é abordado por Relph (1976), onde o sentido de identidade não é pertencer a, mas pertencer significa ser.

Pensando o lugar do ponto de vista da escala da totalidade do cotidiano, pode-se mencionar Lopes (2016), ressaltando que em todos os mapas apresentados e produzidos ao desenvolverem um estudo dos mapas vivenciais do Colégio de Aplicação João XXIII com crianças, os pontos destacados por estas como importantes ou os que mais gostam, de maneira geral, remetem ao encontro com os amigos, aos momentos de lazer e descontração dentro da escola. É um mapa vivo.

Essa importância do lugar que dá dinâmica aos mapas vivenciais, possuem um fator cultural, a exemplo de Corrêa (2016), que tratou disso, e entende a toponímia como uma FSE, esta que se constitui em importante marca cultural impregnada, em muitos casos, de um intencional sentido político, expressando uma efetiva apropriação do espaço, nele estando simbolicamente impressos a memória e identidade. De certo modo, pode-se dizer que vão se criando identidades dentro da cidade como construção cultural, e nesta linha de pensamento, para Corrêa (2013a, p.61),

a identidade de uma cidade, vista como lugar dotado de uma singularidade que o distingue dos outros, pode ser, de modo marcante, o resultado de uma construção intelectual, derivada de uma tradição étnica cujos traços são permanentemente recriados.

A cidade é o espaço por excelência da produção de paisagens e suas formas simbólicas associadas, no qual, é o resultado da ação humana. Deste modo, Cosgrove (1998), declara que todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem.

A música pode ser observada como expressão cultural e, portanto, importante veículo na construção, reprodução e representação de formas simbólicas espaciais, sobretudo, a partir do pensamento da toponímia como FSE. Percebe-se essa característica na música expressa em festividades como na festa do Boi em Parintins e nas Escolas de Samba na cidade do Rio de Janeiro.

Cabe-nos também, fazer referência ao fato de que algumas músicas retratam a toponímia como identidade em suas letras e assim, podemos citar inúmeros grupos musicais e cantores individuais que retratam paisagens urbanas impregnadas de significados em diversos

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

ritmos tais como pagode, hip-hop, bossa nova, dança do boi, ciranda, samba e funk, como veremos a seguir, com destaque para o último gênero musical.

FUNK CARIOCA

Um exemplo do que foi discutido anteriormente é o funk carioca, em especial aqueles reproduzidos nos bailes e nas rádios carioca na década de 1990, e que tinha audiência direcionada a um público alvo bem característico, sendo considerados como música de “preto, pobre e favelado”, como preconizado na letra de em uma das canções dos Mestres de Cerimônia (MC) Gorila e Preto.

Deste modo, ouvir funk era uma forma simbólica de dizer, sou pobre, sou da periferia, quiçá, sou “preto”, conferindo voz, visibilidade e empoderamento a uma camada social marginalizada pelos grupos dominantes. Por sua vez, na década do ano 2000, essa audiência alcançou outras classes sociais, fazendo inclusive os cantores darem uma nova roupagem com “batidas mais POP”, com uma cara mais comercial, mas isso não fez o funk perder a estigma de ‘música de pobre’.

Ainda na década de 2000, foram poucos os MCs que migraram para essa vertente de um funk mais “POP”. Contudo, para aqueles que permaneceram, pode-se dizer que perderam espaço no cenário funkeiro para as chamadas montagens de músicas, no qual, o Disk Jockey (DJ) fazia uso de uma frase e reeditava a mesma música com uma batida eletrônica chamada de Volt Mix, o que não se caracteriza em uma letra de funk como dos MCs anteriores, pois nesta nova fase, a letra era repetida inúmeras vezes. Esse modo de produzir funk ganhou força nesse cenário musical funkeiro.

Por fim, ao estudar as letras do funk que abordam os topônimos e vê-los como FSE, um dos objetivos deste artigo foi analisar quantas letras

de músicas do funk carioca da década de 1990 e 2000, elucidavam as formas simbólicas espaciais, sobretudo as toponímicas, representando o lugar de identidade dos funkeiros, seja do baile ou lugar de moradia, além de escolher uma letra para fazer o mapeamento destas FSE.

EM BUSCA DOS MCs, DAS LETRAS DE FUNK E DE SUAS FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS

Além da pesquisa bibliográfica, para realizar a presente pesquisa, foram buscados os nomes dos cantores de maior expressão no recorte temporal em estudo, de modo que foram selecionados 22 no total. Pesquisou-se todas as letras de músicas desses cantores através de sites oficiais (existentes, o que foi a minoria) e também dos sites que fornecem letras de músicas, tais como: www.vagalume.com.br e www.lyrics.com.br.

Através da tabela 01, tem-se o quantitativo da pesquisa, envolvendo, quantas músicas cada cantor possui e destas, quantas possuem topônimos.

Dentre todas as letras, escolheu-se a música “Endereço dos bailes” dos MCs Júnior e Leonardo como exemplo para mapear as FSE materializadas na toponímia, porque o tema é pertinente e o objetivo da própria letra é uma maneira de identificar os locais de encontro dos funkeiros.

Posteriormente, buscou-se esses nomes geográficos pelo *Google Earth*, salvando os pontos no formato *kmz* e depois convertendo no formato *shapefile* no *software* de Sistema de Informações Geográficas (SIG) ArcGIS da *ESRI*. Por meio deste *software* foi realizada a comunicação cartográfica do mapeamento das FSE, levando em consideração a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

Tabela 1 – Quantidade de músicas dos MCs com topônimos

MCs	Quantidade de Músicas	Músicas com topônimos
Cidinho e Doca	42	22
Catra	99	17
Claudinho e Buchecha	82	14
Marcinho	121	13
Galo	22	10
Bob Rum	22	6
Sapão	43	6
Wilian e Duda	6	5
Gorila e Preto	23	5
Amilka e Chocolate	9	5
Pixote	13	4
Coiote e Raposão	4	4
Júnior e Leonardo	8	3
Neném	7	3
Danda e Tafarel	5	3
Márcio e Goró	30	4
Colibri	35	1
Naldo e Lula	27	1
Deedy	10	1
Cacau	20	0
Suel e Amaro	13	0
Magalhães	1	0
TOTAL	642	127

Fonte: Lobato, Rodrigo Batista, 2017.

DAS LETRAS AO BAILE FUNK

Analisando as letras deste recorte temporal, pode-se dizer que este estilo musical, emerge das crônicas do dia a dia dos bailes e das comunidades carioca, seja pela forma de cantar dos MCs, este que, muitas vezes com o português inculto demonstrado em suas músicas através da falta de concordância nas frases, com palavras erradas,

além do timbre de voz do cantor sem a preocupação com desafinos, pois o importante era passar a sua mensagem através do funk.

O que importava no funk era divertir-se abordando situações dos próprios bailes, aquelas ocorridas dentro das comunidades e também outras vivenciadas fora dela, inclusive abordando o preconceito e a violência. Neste período, tinha-se também um grande apelo para uma letra mais românticas de funk, não propriamente um “baile charme”, mas músicas, no qual, a pessoa feminina era valorizada, enaltecida e repleta de adjetivos do cortejador, sendo este o cantor MC.

Apesar disso, cabe-nos não negligenciar outras características não mencionadas acima, até por não ocorrerem tão explicitamente, mas que eram uma realidade, tais como o funk proibido ou ainda conhecidos como “proibidão”, que abordava brigas entre facções rivais. Também pode-se ressaltar o estilo que abordava a música com um cunho sexual mais explícito nas letras. Esse tipo de motivação nas letras sempre existiu, porém, a frequência de músicas com essa temática cresceu, e mais que isso, passou a tocar em rádios na atualidade.

Pelo ponto de vista cultural e identitário, vale citar uma das letras mais emblemáticas, aquela cantada pelos MCs Cidinho e Doca da Cidade de Deus, comunidade inserida da Cidade do Rio de Janeiro (cuja sigla era CDD), com o Rap da Felicidade do ano de 1995. O trecho da letra diz: “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci, e poder me orgulhar, e ter na consciência que o pobre tem o seu lugar, fé em Deus, DJ!”.

Analisando a FSE favela, pelo trecho da letra acima, podemos denotar um sentido identitário, sem dúvida, pois ter orgulho do local de origem significa dizer que temos uma relação de pertencimento desta FSE favela com outras formas simbólicas lá inseridas.

Neste tópico, o que a canção quer expressar não é que o “pobre” (sujeito da música entendido como grupo de resistência em oposição a

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

um grupo cultural dominante) tenha um lugar a priori dado, no sentido da posição social da qual ele não pode ou não deve abandonar, como se houvesse um “lugar”, uma posição, que o “pobre” devesse ocupar de modo inexorável. Entende-se o conceito lugar neste trecho como o sentido denotado pela geografia cultural-humanista, como um centro espacial de significado, onde uma pessoa se sente pertencer.

Isto é, não é por que o “pobre” se encontra em uma posição de desvantagem frente a outros grupos, ou por que a favela careça de infraestrutura e pareça aos olhos dos “outsiders” (de fora, dos não moradores), um local sem regras, caótico, que esse grupo social não tenha um sentido de lugar, de pertencimento a uma porção do espaço, que não goste ou não sinta orgulho e valorize seu lugar, ou seja “o pobre tem seu lugar” quer dizer que “o pobre tem sua casa, seu lar, onde se sente pertencido, enraizado e tem orgulho deste lugar assim como qualquer pessoa que more em outro lugar”.

Para pensar e analisar o significado simbólico do funk na década de 1990 e início da década do ano 2000, caberíamos trazer a memória aquilo que Cosgrove (1998) afirmou, sobre a geografia estar em todas as partes. Pensar o funk no passado, recuperando dados pretéritos, (no caso deste estudo, a recuperação dos topônimos em suas letras de músicas), como uma tentativa de reconstituir um mapa dos bailes no espaço e no tempo.

Esta análise do espaço na perspectiva do passado, no que tange o funk e seus bailes, é curiosamente interessante, pois carrega significados dependendo do dia da semana e da hora marcada do baile. Como exemplo, cita-se aqui o bairro da Praça Seca em Jacarepaguá, este que ainda possui um clube chamado Country Club, localizado na praça principal do bairro, cruzada pela principal via de acesso da Zona Norte para a Zona Oeste, Rua Cândido Benício. Iniciando pelas 17 horas de domingo ia-se até meados das 22 horas, de modo que, passar por esta

via que cruzava esta praça em tela, uma hora antes do início, durante o baile e uma hora depois do término era o sinônimo que cruzar um campo de batalha. Os jovens chegavam e iam embora do baile muitas vezes com o corpo para fora do ônibus ou na parte superior, sendo chamados de “surfistas”.

Por sua vez, o baile funk não era só um palco de guerra, e os funkeiros eram mais que um estereótipo, pois tinham uma identidade visual própria, pensando seus adornos que eram os trajes da época, tais como bonés de times de basquete estadunidenses, camisa da marca Ciclone (o auge da ostentação na época), calças com a roupa íntima aparecendo, e “pisantes de marca”, ou seja, tênis de alguma grife famosa. As meninas tinham uma vestimenta mais simples, uma calça apertada ou um shortinho curto com uma “baby-look”, isto é, blusa com a barriga aparecendo.

As danças eram um show à parte. Havia total interação, principalmente quando acontecia o chamado “trenzinho”, com os jovens indo um atrás do outro passando por todo o salão, como se por um momento não existisse rivalidade, nem lado A ou B, apenas um local comum para dançar. A praça enquanto FSE, antes do evento do baile funk era um lugar pacato com crianças e seus pais, senhores de idade jogando dama, lojas abertas, local de passeio. Entretanto, com o advento do baile, a praça, seu uso e sua função eram ressignificados exalando uma sensação de terror. Grupos rivais iniciavam a briga a caminho do baile, fora do baile para aqueles que não entravam, continuava dentro do baile para aqueles que entravam e no final, continuavam a enfrentar-se do lado de fora, entre grupos conhecidos como lado A e lado B, geralmente comunidades de facções diferentes. Outro ponto de destaque era o pronome de tratamento utilizado entre os funkeiros denominado “alemão”, significando alguém inimigo e/ou grupo rival (e não alguém nascido na Alemanha). Assim, na medida em

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

que o lado A era “alemão” para o lado B, o lado B também era “alemão” para o lado A.

Em várias músicas, o nome praça do Country é mencionado, o que nos leva deduzir que tal local era impregnado de significados, tais como local de reunião dos funkeiros, local de curtição, local de confronto, palco de batalha, e significa dizer que é uma referência espacial importante para os funkeiros. As identidades oriundas de um posicionamento espacial que muitas vezes emerge das letras, não são apenas procedentes de uma particularidade de um grupo de indivíduos, como sendo a comunidade que nasceu, cresceu e conheceu todos os amigos, mas aquela identificação e pertencimento a uma localidade que mantêm identidade com o semelhante, como ocorre com a Feira de São Cristóvão, conhecida como Feira Nordestina.

Observa-se nas letras de funk que tratou de nomes dos lugares uma variação na maneira de mencionar os topônimos, tais como:

1. citar os nomes geográficos apenas para dizer que o cantor representa aquela comunidade;
2. fazer uma crônica do baile ou da comunidade com descrições impregnadas de formas simbólicas não espaciais também;
3. no final da música, geralmente homenagear ou apenas lembrar das demais comunidades, citando os nomes desses lugares através dos topônimos, isto é, das FSEs;
4. e ainda, músicas que se dedicam a falar apenas dessas localidades.

Alguns aspectos interessantes na análise dos nomes geográficos dessas letras, foram o surgimento de alguns questionamentos à medida em que se analisavam as letras, quais sejam: será que essa toponímia existe? Será possível mapeá-la? Ela consta em mapas oficiais? Ou apenas está baseada em uma microtoponímia que não está presente nos mapas? Caberia neste trabalho chamar essa microtoponímia de lugar vernacular?

Corrêa (2012), menciona os lugares vernaculares como locais públicos impregnados de tradições populares locais e marcados por uma conexão identitária. Com base neste conceito, vai-se além, de maneira que mapear tais microtopônimos, entendidos neste trabalho por cartografia vernacular, registra espacialmente parte do cotidiano local que é específico do espaço vivido gerando essa conexão identitária. Vale frisar, os microtopônimos, isto é, a toponímia de pequenos lugares, possuem um grau de dificuldade maior no momento de se averiguar. Outro apontamento pertinente, cabe mencionar, esses lugares vernaculares traduzem os microtopônimos que podem estar presentes em mapas ou não, como pode ser visto no exemplo a seguir.

MAPEANDO OS TOPÔNIMOS DO FUNK CARIOCA

Para mapear os topônimos do funk carioca, escolheu-se a música dos MCs Júnior e Leonardo “Endereço dos bailes”, justamente por dedicar o enredo da música para elencar os lugares que “a galera funkeira” se reunia em seus festivais, mesmo que não abordando todos os bailes, mas buscando relacionar um grupo significativo. Segue abaixo a letra na íntegra com os topônimos em negrito para maior realce na análise.

Endereço dos Bailes

Mc Júnior e Leonardo

No **Rio** tem mulata e futebol,
Cerveja, chopp gelado, muita praia e muito sol, é [...]
Tem muito samba, Fla-Flu no **Maracanã**,
Mas também tem muito funk rolando até de manhã
Vamos juntar o mulão e botar o pé no baile DJ.

Ê ê ê ah! Peço paz para agitar,
Eu agora vou falar o que você quer escutar
Ê ê ê! Se liga que eu quero ver

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

O endereço dos bailes eu vou falar pra você.

É que de sexta a domingo na **Rocinha** o morro enche de gatinha
Que vem pro baile curtir
Ouvindo charme, rap, melody ou montagem,
É funk em cima, é funk embaixo,
Que eu não sei pra onde ir.
O **Vidigal** também não fica de fora
Fim de semana rola um baile shock legal
A sexta-feira lá no **Galo** é consagrada
A galera animada faz do baile um festival.

Tem outro baile que a galera toda treme
É lá no baile do **Leme** lá no **Morro do Chapéu**
Tem na **Tijuca** um baile que é sem bagunça
A galera fica maluca lá no **Morro do Borel**.

Ê ê ê ah! Peço paz para agitar,
Eu agora vou falar o que você quer escutar
Ê ê ê ê! Se liga que eu quero ver
O endereço dos bailes eu vou falar pra você.

Vem **Clube Íris**, vem **Trindade**, **Pavunense**
Vasquinho de Morro Agudo e o baile **Holly Dance**
Pan de Pillar eu sei que a galera gosta
Signos, **Nova Iguaçu**, **Apollo**, **Coelho da Rocha**, é [...]

Vem **Mesquitão**, **Pavuna**, **Vila Rosário**
Vem o **Cassino Bangu** e **União de Vigário**
Balanço de Lucas, **Creib de Padre Miguel**
Santa Cruz, **Social Clube**, vamos zoar pra dedéu

Volta Redonda, **Macaé**, **Nova Campina**
Que também tem muita mina que abala os corações
Mas me desculpa onde tem muita gatinha
É na **favela da Rocinha** lá no **Clube do Emoções**

Vem **Coleginho** e a **quadra da Mangueira**
Chama essa gente maneira
Para o **baile do Mauá**
O **Country Clube** fica lá **Praça Seca**

Por favor, nunca se esqueça,
Fica em **Jacarepaguá**

Ê ê ê ah! Peço paz para agitar,
Eu agora vou falar o que você quer escutar
Ê ê ê ê! Se liga que eu quero ver
O endereço dos bailes eu vou falar pra você.

Tem muitos clubes e favelas que falei
Muitas vezes eu curti, me diverti e cantei,
Mas isso é pouco vamos juntos fazer paz
Se não fosse a violência o baile funk era demais.

Eu, Mc Junior cantei pra te convidar,
Pros bailes funks do **Rio**, você não pode faltar,
E pra você que ainda não está ligado
Agora o Mc Leonardo um conselho vai te dar.

Pode chegar junto com a sua galera
E no baile zuar à vera, pode vir no sapatinho
Dançar, dançar com a dança da cabeça,
Com a dança da bundinha ou puxando seu trenzinho

Ê ê ê ah! Peço paz para agitar,
Eu agora vou falar o que você quer escutar
Ê ê ê ê! Se liga que eu quero ver
O endereço dos bailes eu vou falar pra você.

Ê ê ê ah! Peço paz para agitar,
Eu agora vou falar o que você quer escutar
Ê ê ê ê! Se liga que eu quero ver
Mc Junior e Leonardo voltarão, tu podes crer.

Não somente nesta música, mas em praticamente todas aquelas que possuem mais de um topônimo, percebe-se uma escala geográfica multivariada, a qual, se faz referência a uma praça e depois é anunciado um município, e a escala geográfica fica menor ao citar um bairro. Deste modo, as letras do funk funcionam como se fosse uma sanfona escalar dos nomes geográficos. No que tange a sanfona escalar, é

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

preciso lembrar, a toponímia foi efetuada através de um nome geográfico e este não possui uma escala, em outras palavras, o nome pertence a um espaço geográfico. Neste sentido, é nítida a mistura dos topônimos oficiais quando estão registrados nas cartas topográficas, assim como aqueles de uma microtoponímia, de modo que esses últimos não foram possíveis de espacializar no mapa.

Nestas circunstâncias, a dificuldade para encontrar tais nomes (as microtoponímias das letras do funk) para mapear não sugere que os mesmos não existam ou sejam fictícios. Ao contrário. Significa dizer que a inexistência no mapa do nome de um lugar não o deslegitima como lugar, como parte da vida e do cotidiano, pois apesar de não estar registrado no mapa, pode estar de várias outras maneiras, como, por exemplo, na música e, inclusive, como referência para itinerário dos transportes alternativos.

A letra que buscou-se espacializar faz uma correlação de FS com as FSE, como na primeira estrofe, “No Rio tem mulata e futebol, Cerveja, chopp gelado, muita praia e muito sol, é [...] Tem muito samba, Fla-Flu no Maracanã, mas também tem muito funk rolando até de manhã. Vamos juntar o “mulão” e botar o pé no baile DJ”. Percebe-se aqui uma caracterização cultural do que é o “Rio”, neste caso, a cidade do Rio de Janeiro que fora abreviada. Significa dizer que nesse cotidiano concebido pela letra, os cariocas de um modo geral, também possuem um estilo de vida que parece ser como na música cantada.

Tendo em vista os nomes geográficos observados, contabilizou-se 37 topônimos na letra, sendo eles: Rio, Maracanã, Rocinha, Vidigal, Leme, morro do Chapéu, Tijuca, morro do Borel, Clube Íris, Trindade, Pavunense, Vasquinho de Morro Agudo, Holly Dance, Pan de Pillar, Signos, Nova Iguaçu, Apollo, Coelho da Rocha, Mesquitão, Pavuna, Vila Rosário, Cassino Bangu, União de Vigário,

Balanço de Lucas, Creib de Padre Miguel, Santa Cruz, Social Clube, Volta Redonda, Macaé, Nova Campina, Clube do Emoções, Coleginho, quadra da Mangueira, baile do Mauá, Country Clube, Praça Seca e Jacarepaguá.

Ainda convém lembrar que a espacialização destes nomes procedeu pelo *Google Earth*, de modo que não foi possível localizar os seguintes topônimos: Rio, Clube Íris, Trindade, Holly Dance, Pan de Pillar, Signos, Apollo, Mesquitão, Balanço de Lucas, Social Clube, Nova Campina, baile do Mauá e Country Clube. Por outro lado, foram identificados foram: Maracanã, Rocinha, Vidigal, Leme, morro do Chapéu, Tijuca, morro do Borel, Pavunense, Vasquinho de Morro Agudo, Nova Iguaçu, Coelho da Rocha, Pavuna, Vila Rosário, Cassino Bangu, União de Vigário, Creib de Padre Miguel, Santa Cruz, Volta Redonda, Macaé, Clube do Emoções, Coleginho, quadra da Mangueira, Praça Seca e Jacarepaguá, conforme a figura 1.

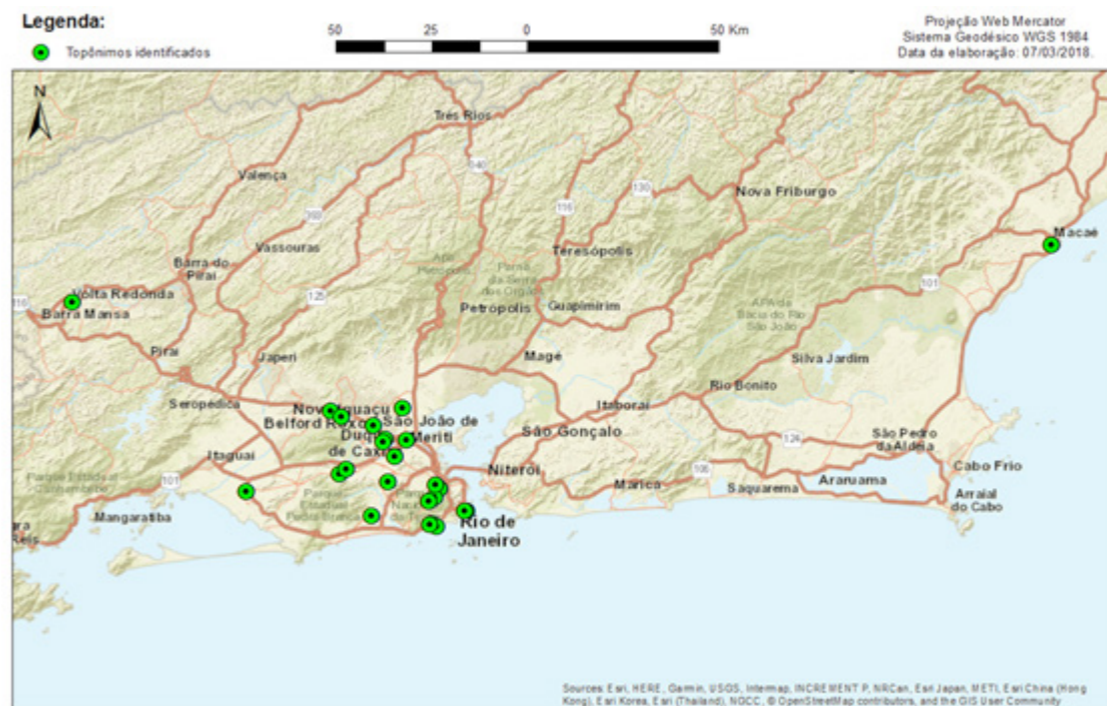


Figura 1 – Espacialização dos nomes geográficos identificados pelo Google Earth através da letra Endereço dos Bailes.

Fonte: Lobato, R. B.; Brum, J. L. S.; Menezes, P. M. L., 2018.

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

Pode-se em um primeiro momento perceber que alguns nomes não foram encontrados pela forma que o compositor o nomeia na letra da música, sendo esta maneira diferente, de como tal nome é, como por exemplo, Rio, no qual, o Google Earth encontrou diversos rios, do ponto de vista de um corpo hídrico e não considerou o município e nem o estado Rio de Janeiro. Outra situação é a ocorrência de nomes duplicados, e ocorrendo a dúvida de onde seria tal localidade, e assim preferiu-se não cartografar o mesmo. No total foram 13 lugares fora do mapa, ou seja, não identificados como toponímia oficial.

Por outro lado, foram 24 nomes dos lugares identificados e mapeados, mas como já fora mencionado anteriormente, percebe-se uma escala multivariada, conforme a quadro 1.

Município	Região	Bairro
Nova Iguaçu	Jacarepaguá	Rocinha
Volta Redonda		Leme
Macaé		Tijuca
		Coelho da Rocha
		Pavuna
		Vila do Rosário
		Santa Cruz
		Praça Seca
Clube	Estádio	Comunidade/Morro
Vasquinho de Morro Agudo	Maracanã	Vidigal
Pavunense		Morro do Borel
Cassino Bangu		Morro do Chapéu
União de Vigário		
CREIB de Padre Miguel		
Clube do Emoções		
Coleginho		
Quadra da Mangueira		

Quadro 1 – Relação dos topônimos

Fonte: Lobato, Rodrigo Batista, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mapear as FSE contidas nas letras do funk carioca a princípio tinha-se a impressão que seria uma tarefa simples, contudo percebeu-se uma tarefa mais complexa.


A complexidade deste tipo de mapeamento está diretamente relacionada a uma toponímia não oficial, sendo aquela que é popularmente difundida ou ainda, pelos nomes que surgiram recentemente e não foram incluídos pelos reambuladores dos órgãos oficiais.

Outra característica percebida são as abreviações dos nomes oficiais, o que dificulta também essa espacialização e se faz necessário ter uma pessoa local ou até mesmo o próprio compositor para perguntar-lhe, que nome abreviado é este, ou ainda, onde fica esse lugar?

Os topônimos relacionados nas músicas não estão preocupados em respeitar uma mesma escala geográfica, eles apenas são lembrados e mencionados, o que parece ter um mesmo valor simbólico, ou seja, locais representativos para os funkeiros, independentemente do tamanho da área toponímica, podendo ainda, uma área de um dado nome geográfico, comportar outro nome dentro desse território, como por exemplo, bairro da Pavuna com o clube Pavunense e o bairro da Rocinha com o clube do Emoções.

Pensando o ensino de Cartografia na disciplina de Geografia na Educação Básica, tal escala multivariada, poderia ainda ser uma maneira de ensinar esse conceito para os alunos, não se prendendo apenas em uma regra de três para se chegar ao denominador para compreender se a escala cartográfica é maior ou menor, de modo que muitas vezes, a aula de Geografia se assemelha a uma aula de Matemática.

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

Conclui-se então, que as letras do funk carioca deste período escolhido, estão impregnadas de formas simbólicas, assim como, de formas simbólicas espaciais, essa última que se mistura os topônimos oficiais com os microtopônimos vernaculares com escalas multivariadas. 

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e Simbolismo**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs) **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- GOMES, Paulo Cesar Costa. **O urbano e a cultura: alguns estudos**. In: CORRÊA, Roberto Lobato.; ROSENDAHL, Zenny (Orgs). **Geografia Cultural: uma antologia volume II**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013a.
- GOMES, Paulo Cesar Costa. Monumentos, política e espaço. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenny (Orgs). **Geografia Cultural: uma antologia volume II**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013b.
- GOMES, Paulo Cesar Costa. Formas Simbólicas Espaciais e Política. In: JACINTO, Rui; DIÉGUEZ, Valentín Cabero (Orgs). **Diálogos (Trans) fronteiriços: Patrimónios, Territórios, Culturas**. Coimbra: Centro de Estudos Ibéricos, 2016.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em todas as partes: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenny. (Orgs) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
- DUNCAN, James. O supraorgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Zenny (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Joscelyne. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HALL, Stuart. **Representations: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage Publications, 1997.
- HOUAISS, Antônio. Prefácio-estudo. In: CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Editora UNB, 1999.
- JACKSON, Peter. **Maps of meaning**. Londres: Routledge, 1989.
- LYRICS BRASIL. **Letras de Música**. Disponível em: <<http://www.lyrics.com.br>>. Acesso em: 10 de out. 2017.
- LOPES, Jader Janer Moreira; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo; AMORIM, Cassiano Caon. **Mapas Vivenciais: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais**. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 11, p.237-256, jan/jun., 2016.
- MENEZES, Paulo Márcio Leal; SANTOS, Cláudio João Barreto. Geonímia: aspectos relevantes. **Revista da SBC – Sociedade Brasileira de Cartografia**, n. 58/02, Rio de Janeiro, 2006.
- MENEZES, Paulo Márcio Leal; FERNANDES, Manoel Couto. **Roteiro de Cartografia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.
- RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.
- ROSENDAHL, Zenny; CORRÊA, Roberto. Lobato. **Geografia cultural: apresentando uma antologia**. In: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (Orgs) **Geografia Cultural: uma antologia volume II**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.
- SANTOS, Cláudio João Barreto. **A retomada da pesquisa da geonímia do Brasil: algumas reflexões e aspectos relevantes**. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p.33-46, 2007.
- SANTOS, Cláudio João Barreto. **Geonímia do Brasil: A padronização dos nomes geográficos num estudo de caso dos municípios fluminenses**.

Mapeando as formas simbólicas espaciais do funk carioca das décadas de 1990 e 2000: simbolismo do lugar e a identidade nas músicas
Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas Da Silva Brum, Paulo Márcio Leal de Menezes

Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEEMANN, Jörn. A toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do Estado do Ceará. **Vivência**, Natal, v. 29, p. 207-224, 2005.

SOUZA, Beatriz Cristina Pereira; MENEZES, Paulo Márcio Leal. **A Cartografia Histórica e os nomes geográficos**: uma análise dos

geônimos de Cabo Frio – RJ. **Anais...** I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, estudos e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VAGALUME. **Letras de Músicas e muitas músicas para ouvir**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>. Acesso em: 30 de nov. 2017.

Recebido em Março de 2018.

Revisado em Agosto de 2018.

Aceito em Outubro de 2018.